

CEDI

Povos Indígenas no Brasil

Fonte: Folha de S. Paulo Class.: PIX geral
 Data: 10.11.80 Pg.: _____

Presença da FAB e do Parasar no Xingu é assunto de seminário

BRASÍLIA (Sucursal) — O Departamento Geral de Planejamento Comunitário da Funai inicia amanhã, em Brasília, um seminário de estudos sobre os problemas do Parque Indígena do Xingu, entre os quais são destacados a presença de uma base da FAB e de um acampamento de treinamento de oficiais do Parasar, localizados ao sul do parque que, segundo relatório enviado ao Conselho Indigenista da Funai, “é um contato danoso para os indígenas, pois cria necessidades inacessíveis e uma incompreensível falta de perspectiva do índio sobre o mundo do branco”.

Participam no seminário — que se encerra na quarta-feira — o sertanista Orlando Vilas-Boas; o antropólogo Roque Lécio, da Escola Paulista de Medicina; o antropólogo Olímpio Serra, ex-diretor do parque e a linguísta Charlotte Emerich, além de funcionários da Funai.

De acordo com o relatório enviado ao órgão indigenista, os problemas do parque atingem, hoje, 15 nações indígenas que vivem ao sul do território, salientando que a FAB mantém um rebanho com 160 cabeças de gado que explora pastagens naturais dos Kalapalo, sem qualquer lucro para os índios. Diz ainda o relatório que “os Kalapalo se queixaram da aproximação dos bois de suas roças e mataram duas cabeças”.

Além desse destacamento da FAB dentro do parque, há ainda, nos limites do parque, um acampamento do Parasar usado para treinamento de sobrevivência na selva. Os oficiais que recebem o treinamento do Parasar costumam visitar as aldeias dos índios Trumai, Txikao, Kajabi, fato comprovado por testemunho dos próprios índios.

PERTURBAÇÃO

A presença do Parasar, diz o relatório, “perturba bastante a vida nas aldeias” porque os índios, dias antes da chegada dos oficiais, começam a fabricar artesanato “de baixíssima qualidade” para trocar por objetos industriais “de pouco valor (pilhas, roupas usadas,

uniforme camuflado)”. Logo após a visita dos oficiais, acrescenta o relatório, os índios se mostram frustrados com o resultado das trocas.

A conclusão do relatório sobre a presença tanto da FAB como do Parasar salienta que esse contato “é danoso pois cria necessidades inacessíveis e uma incompreensível falta de perspectiva do índio sobre o mundo dos brancos”.

A omissão do diretor do parque, Francisco Assis da Silva, tem aumentado a intervenção da FAB, que já vem substituindo progressivamente a presença do órgão tutor, informa ainda o relatório, observando que a FAB não tem condições de garantir aos índios “seus direitos constitucionais, menos ainda se ela ocupa o território indígena com rebanho”.

EDUCAÇÃO

Segundo o relatório, a maior reivindicação feita pelos índios do Xingu, durante reunião entre o coronel Nobre da Veiga e os chefes das comunidades indígenas, se refere à educação. Os índios pediram a reabertura da escola do Posto Leonardo, uma vez que há mais de um ano a escola não funciona, apesar de a Funai pagar um salário à professora Cecília da Silva, esposa do diretor do parque, sem que nenhuma aula tenha sido dada.

O último problema apresentado pelo relatório diz respeito às relações do diretor do Parque do Xingu, o técnico indigenista Francisco de Assis da Silva, com as 15 nações indígenas existentes no parque. Diz o relatório que os contatos “se afrouxaram” e não há qualquer diálogo entre Assis da Silva e os líderes, principalmente no norte do Xingu, onde são maiores os problemas de terra e perigos de ataque.

Tanto esse relatório como os depoimentos dos antropólogos e sertanistas que vão participar do seminário deverão ser analisados para que a Funai trace novas diretrizes na política do Xingu.